OPEN ACCESS
10.21665/2318-3888.v13n26p85

Ambivalências
revista de antropologia do ppga-ufs

Dossiê Experiências religiosas

Entre o cajado e o tempo: narrar, criar e guerrear na manifestação cultural do Moçambique

Maycol Douglas Lima da Silva Mundoco[1]
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Denio Azevedo[2]
Universidade Federal de Sergipe

Resumo

O artigo analisa a relação entre narrativa histórica, corporeidade e ancestralidade no Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares de Uberaba (MG), destacando-o como espaço de produção de conhecimento, memória e resistência no contexto das Congadas brasileiras. Partindo da análise do poder colonial de renomear e homogeneizar identidades africanas, o estudo evidencia como, apesar do epistemicídio, grupos afrodescendentes reinventaram e preservaram tradições, ressignificando passagens históricas e mitos fundadores. A pesquisa, ancorada na autoetnografia crítica, articula a vivência do autor no Terno com observações de campo, registros e diálogos com lideranças, sendo orientada pela perspectiva da desobediência epistêmica. Os resultados apontam que a história, no grupo, é incorporada ao corpo e às práticas rituais, configurando-se como energia viva que orienta relações comunitárias, fortalece pertencimentos e projeta futuros. Ao abordar as Congadas como instâncias criativas e políticas, o trabalho contribui para superar leituras folclorizantes, valorizando saberes afro-brasileiros situados e transmitidos por via oral, corporal e espiritual.

Palavras-chave

Congadas. Ternos de Moçambique. Quilombo dos Palmares. Resistência cultural.

1. Historiador (UFTM), mestre em Culturas Populares (UFS) e doutorando em Educação pela UESB, onde integra o GEPELINF. Membro da ABPN, pesquisa Educação Indígena, Comunidades Tradicionais, Culturas Populares Negras, Afrocentricidade e Congadas. Capitão do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, é autor de Ovo de Aruá e do documentário As Contas do Rosário.

2. Doutor em Sociologia pelo PPGS/UFS, com doutorado sanduíche no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC). Mestre em Sociologia pelo NPPCS/UFS e graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe, é Professor Adjunto do Departamento de Turismo da UFS (DTUR). Atua em pesquisas que articulam sociologia, turismo, território e cultura, com ênfase em dinâmicas sociais contemporâneas.

Between the staff and time: narrating, creating, and waging war in the cultural performance of Moçambique

Abstract: The article analyzes the relationship between historical narrative, corporeality, and Ancestrality In the Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares of Uberaba (MG), highlighting it as a space for the production of knowledge, memory, and resistance within the context of Brazilian Congadas. Starting from the analysis of the colonial power to rename and homogenize African identities, the study shows how, despite epistemicide, Afro-descendant groups reinvented and preserved traditions, re-signifying historical passages and founding myths. Anchored In critical autoethnography, the research articulates the author's experience In the Terno with field observations, records, and dialogues with leaderships, guided by the perspective of epistemic disobedience. The results Indicate that history, within the group, is Incorporated Into the body and ritual practices, taking shape as living energy that guides community relations, strengthens belonging, and projects futures. By approaching Congadas as creative and political Instances, the work contributes to overcoming folklorizing Interpretations, valuing Afro-Brazilian knowledge situated and transmitted through oral, corporeal, and spiritual means.

Keywords: Congadas. Ternos de Moçambique. Quilombo dos Palmares. Cultural Resistance.

Entre el bastón y el tiempo: narrar, crear y guerrerear en la manifestación cultural del Moçambique

Resumen: El artículo analiza la relación entre narrativa histórica, corporeidad y ancestralidad en el Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares de Uberaba (MG), destacándolo como un espacio de producción de conocimiento, memoria y resistencia en el contexto de las Congadas brasileñas. A partir del análisis del poder colonial de renombrar y homogeneizar identidades africanas, el estudio muestra cómo, a pesar del epistemicidio, los grupos afrodescendientes reinventaron y preservaron tradiciones, resignificando pasajes históricos y mitos fundadores. Anclada en la autoetnografía crítica, la Investigación articula la vivencia del autor en el Terno con observaciones de campo, registros y diálogos con liderazgos, guiándose por la perspectiva de la desobediencia epistémica. Los resultados señalan que la historia, en el grupo, se Incorpora al cuerpo y a las prácticas rituales, configurándose como energía viva que orienta las relaciones comunitarias, fortalece pertenencias y proyecta futuros. Al abordar las Congadas como Instancias creativas y políticas, el trabajo contribuye a superar lecturas folclorizantes, valorizando saberes afrobrasileños situados y transmitidos por vía oral, corporal y espiritual.

Palabras clave: Congadas. Ternos de Moçambique. Quilombo dos Palmares. Resistencia Cultural.

Introdução

Uma das facetas mais perversas do colonialismo é o poder de renomear. Durante o processo de escravização e do tráfico transatlântico, a máquina colonial operou de forma sistemática para apagar nomes, sobrenomes e genealogias inteiras. Tal estratégia visava esvaziar a humanidade daqueles que eram sequestrados de suas terras e culturas. Diferentes etnias africanas chegavam aos estados brasileiros agrupadas sob denominações que reproduziam apenas os nomes dos portos de embarque: angolas, congos, benguelas, cassanjes, cabindas, moçambiques (Oliveira *et al.*, 2023). Ao reduzir identidades complexas a categorias genéricas, o colonialismo desconsiderava deliberadamente a diversidade e a singularidade dos povos africanos.

Contudo, mesmo diante do epistemicídio que eliminou incontáveis grupos, saberes e práticas, a história revela que a humanidade oprimida encontrou formas de

reinvenção. Em diferentes territórios da diáspora africana, tradições foram recriadas, sentidos reelaborados e novas formas de ser, estar e ver o mundo emergiram como práticas de resistência. No Brasil, um exemplo emblemático desse processo está nas Congadas e nos diversos grupos que as compõem. Embora popularmente reconhecidas como cortejos e coroações de reis e rainhas negras, as Congadas guardam uma profunda diversidade interna: cada Terno expressa sentidos, significados e características próprias, celebrando a pluralidade das nações africanas (Silva, 2021).

Os moçambiques distinguem-se, no conjunto das congadas, por danças que incorporam guizos presos aos tornozelos e pelo uso de cajados e bastões de madeira, recursos que remetem à simplicidade na forma, em contraste com a estética mais ornamentada de outros Ternos, como congos e catopés. Seus instrumentos mais recorrentes são tambores, guizos e patagomes, que, ao imprimirem ritmos vigorosos, conferem intensidade e força às apresentações. A dimensão estética se amplia nas vestimentas, em geral compostas por roupas brancas, lenço na cabeça, pequena saia de pano e dois rosários cruzados entre ombros e cintura. Variações existem, como no Moçambique Zumbi dos Palmares, em que a saia é substituída por uma cinta adornada por linhas de miçangas e os trajes recebem motivos étnicos.

Em Uberaba, os moçambiques integram os ciclos das congadas, cujos cortejos ocorrem no primeiro domingo próximo ao 13 de maio, em memória da Abolição da Escravidão, e no primeiro domingo próximo ao dia 7 de outubro, dedicado à Nossa Senhora do Rosário. Os preparativos rituais iniciam-se no fim da Quaresma, concebida pelos grupos como período de recolhimento e disciplina, que antecede tanto os ensaios quanto as obrigações coletivas. Para além dos festejos, os moçambiques atualizam sua presença em escolas, universidades e encontros culturais, mantendo a sociabilidade no interior dos quartéis e nos diálogos entre diferentes ternos, bem como em negociações ambíguas com o poder público, frequentemente marcadas por tensões entre as lideranças das congadas, os entes estatais e a Igreja.

Essas ambiguidades se expressam historicamente em episódios como a derrubada e a não reconstrução da Igreja do Rosário (Oliveira; Dantas, 2012), ou na tentativa de enquadrar as manifestações autônomas da congada ao discurso cívico do 13 de maio, sob mediação de imprensa, clero e Estado. Mais recentemente, tensões semelhantes emergiram quando um padre da Paróquia Santa Terezinha, em comentário público nas redes sociais, classificou a Congada como "profanação" e relatou que, ao término da celebração, realizava-se uma oração de desagravo e a aspersão de água benta (G1, 2024). Tal posicionamento evidencia formas de racismo religioso que, ao desqualificarem simbolicamente a ritualidade negra, a subordinam a categorias de pureza e impureza próprias da liturgia católica.

O episódio exemplifica a permanência de disputas quanto à legitimidade das expressões culturais afro-brasileiras, em contraste com políticas recentes de valorização, como as iniciativas da Fundação Cultural de Uberaba. Nesse mesmo movimento, destaca-se a decisão unânime do IPHAN, em junho de 2025, de registrar os Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural do Brasil, o que reforça o reconhecimento institucional da relevância histórica, estética e ritual dessas práticas (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2025).

Nesse contexto, os moçambiqueiros são compreendidos não apenas pela materialidade de seus instrumentos, danças e indumentárias, mas como agentes de uma força telúrica e guerreira, vinculada à memória coletiva e à ancestralidade africana. A performance ultrapassa a dimensão estética, configurando-se como mediação entre o visível e o invisível, o terreno e o espiritual, e reatualizando, no presente, relações de poder marcadas tanto pela resistência quanto pela disputa simbólica. Ao longo da história, grupos populares e tradicionais têm recorrido a passagens e eventos históricos, reinterpretados à luz de suas vivências, para inaugurar e legitimar manifestações culturais e suas tradições. Essas narrativas, muitas vezes transmitidas oralmente, funcionam como marcos fundadores que articulam memória coletiva, identidades e resistências.

No caso das Congadas, episódios como a coroação dos reis negros ou a luta contra a escravidão são evocadas não apenas como lembrança, mas como dispositivos simbólicos que atualizam o passado no presente. Ao reencenar batalhas, celebrar vitórias ou rememorar figuras heroicas, os grupos inscrevem-se em uma linha de continuidade histórica, transformando o ritual em um ato político e pedagógico capaz de reafirmar pertencimentos, preservar saberes e projetar futuros desejados. Entre os grupos, no entanto, também existem tensões e hierarquizações que, como observa Bastide (1985), remontam a séculos passados, como no caso de Osório, no Rio Grande do Sul, onde os Moçambiques eram vistos como a "plebe dos Congos". Paradoxalmente, é desse lugar marginal que o Moçambique assume centralidade no mito de origem da Congada, subvertendo hierarquias e afirmando-se como guardião das coroas e mantenedor da tradição (Silva, 2021; Martins, 1997).

Este artigo configura-se como desdobramento de pesquisas anteriores, sobretudo da pesquisa de mestrado. Nessa esteira reflexiva, buscamos compreender de que forma a narrativa histórica de Palmares se articula com a corporeidade e a ancestralidade no Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares de Uberaba, Minas Gerais, estruturando experiências de pertencimento, ancestralidade, potência criativa e transmissão de saberes. A história, nesse contexto, não é apenas lembrada ou representada: ela é incorporada, transformando-se em energia viva que orienta corpos e relações comunitárias. Ao destacar práticas culturais afro-brasileiras como campos de produção de conheci-

mento, memória e resistência, este estudo busca desafiar interpretações simplistas ou folclorizantes das congadas, revelando-as como instâncias de criação, fortalecimento comunitário e afirmação da ancestralidade.

Importante destacar alguns conceitos-chave para a construção desse texto. Pensamos Quilombo a partir daquilo que foi discutido pela historiadora Beatriz do Nascimento (Ratts, 2006; Nascimento, 1974, 2018). Um Quilombo é uma instância de construção simbólica e organização social, um espaço que reafirma a deserarquização do saber. A abordagem do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares da cidade de Uberaba, Minas Gerais, como Quilombo, segue o princípio da autodeterminação e das definições elaboradas pelos membros do grupo (Silva; Azevedo, 2024). Por se tratar de uma comunidade urbana, sem o reconhecimento de instâncias institucionais como a Fundação Palmares, os sentidos conferidos pelos membros do grupo reivindicam, a um só tempo, uma política de resistência e de construção social conforme Nascimento (1980), além de uma dimensão espiritual que faz parte das formulações de suas lideranças (Silva; Azevedo, 2024).

Metodologicamente, o estudo se ancora na autoetnografia crítica, articulando experiências do primeiro autor enquanto integrante do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, juntamente com a análise das práticas socioculturais do grupo (Ellis; Adams; Bochner, 2011). De acordo com Ellis, Adams e Bochner (2011), a autoetnografia nasce no contexto das desconfianças inspiradas pelo pós-modernismo da década de 1980, um momento em que alguns acadêmicos privilegiaram novas epistemologias e bases metodológicas que passaram a considerar os sentidos ontológicos e axiológicos no fazer do pesquisador. Trata-se de uma abordagem que vai além do relato introspectivo, constituindo um espaço de reflexão no qual memórias, afetos, saberes incorporados e experiências vividas dialogam com conceitos e teorias.

Ao longo das vivências, participação nos ensaios, cortejos e rituais, observação dos gestos, músicas, danças e elementos simbólicos e até mesmo de experiências espirituais, foram registradas notas de campo, fotografias e gravações. Os diálogos com as lideranças e integrantes fizeram com que esses se tornassem mais que informantes-chave, passando a figurar como parceiros na construção do conhecimento. Em outra medida, houve também a convivência com entidades, as imbricações do corpo acadêmico nas ritualidades e as partilhas de demandas e conflitos da comunidade. A condição do primeiro autor, enquanto um "mais novo" no Terno, exigiu um exercício constante de ética e sensibilidade cultural para decidir o que poderia ser partilhado academicamente, respeitando códigos internos e a autonomia da memória coletiva.

Um caso pode exemplificar essa posição. Em conversa com Madrinha Virina, uma das lideranças do grupo, em sua residência, a todo instante, a liderança desviava o

olhar, demonstrando inquietação e distração. Suas respostas apresentavam-se imprecisas e frias, em contraste com interações anteriores. No fim da conversa, o clima de frustração tomou conta da casa. Foi então que a Quilombeira Acotirene[3] desceu em terra tomando o corpo da dona da casa como cavalo[4]. Sua face se contraía, os lábios se curvavam, dando-lhe um rosto mais velho. Os olhos eram desafiadores e seus gestos tornavam-se energéticos. A Quilombeira deu a bênção a todos os presentes e seu esposo, Capitão Bil, passou a traduzir suas palavras faladas em "africano"[5]. A entidade explicou que havia segurado "a língua do seu cavalo" e deu explicações inéditas sobre o histórico Quilombo dos Palmares; falou sobre a gênese e os fundamentos do Quilombo do Terno; analisou situações da política do grupo e da cidade; falou sobre a manifestação do moçambique e, ao final, antes de ir embora, advertiu-me a não publicar nada do que fora dito.

Todas essas vivências somam-se a uma perspectiva de desobediência epistêmica (Mignolo, 2008) no que tange à construção do conhecimento. A escuta, nesse processo, foi também política, corporal e orgânica, permeada por interações inesperadas, manifestações espirituais e transmissões de saberes ancestrais, configurando um campo de aprendizado dinâmico no qual o corpo se fez instrumento de registro, mediação e análise.

1 Entre o encanto e o desencanto: o enredo da guerra

No interior das manifestações das Congadas, desenrola-se uma narrativa de guerra que vai além do sentido histórico ou político, assumindo dimensões simbólicas e espirituais. Os primeiros estudos sobre as Congadas, especialmente de folcloristas e memorialistas, enfatizaram o exotismo, a teatralidade e a repetição estática dos festejos populares. Entretanto, a produção acadêmica mais recente, sobretudo de intelectuais com um certo nível de engajamento com a manifestação, tem redirecionado continuamente os sentidos das Congadas, destacando a complexidade de seus processos internos. Para além das mudanças narrativas ou performativas isoladamente, podemos compreender os Ternos[6] como instância viva e pulsante do existir, marcada pela criação e constante reinvenção de si.

---

3. Quilombeiros são entidades próprias do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares. São descritos como espíritos dos personagens históricos do Quilombo de Palmares.

4. Cavalo é a designação dada ao médium que serve de veículo para a manifestação das entidades espirituais na Umbanda. A expressão remete à ideia de que o corpo do médium é montado ou conduzido pelo guia espiritual durante o transe, possibilitando a comunicação entre o plano espiritual e o plano material.

5. Diz respeito a um dialeto espiritual do grupo, também descrito em alguns momentos como meia-língua. Uma espécie de misto de fragmentos de línguas bantas.

6. Os grupos que compõem as Congadas são chamados de Ternos, Bandas ou Guardas.

Por detrás da teatralidade, revela-se mais do que o enredo épico do conflito entre mouros e cristãos. Interessa-nos o que se desenrola no espaço entre o visível e o invisível, nas sutilezas dos gestos, símbolos e relações que estruturam a vida dos grupos. Nesse sentido, é crucial observar como as comunidades se definem, se percebem e se autodenominam. Múltiplas analogias caracterizam o grupo; a exemplo do rosário de Nossa Senhora, que funciona como metáfora, elemento de proteção, signo e sustentação dialógica. Como aponta Martins (1997), elementos como as contas do rosário são reinterpretados a partir de referências africanas (Martins, 1997, p. 59).

No Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares de Uberaba (MG), o rosário, por vezes, é um cordão aberto, simbolizando acolhimento, incorporando o fluxo de novos membros e, em outros momentos, nos contextos hostis, torna-se um círculo protetivo muitas vezes chamado de Quilombo pelo Ganga[7] Mukixe José Reinaldo e pela da capitã Aline. O rosário e o Quilombo amalgamados pelo encantamento. Essa conexão demarca não apenas a resistência, mas a constante vigilância, como destacado pelo Ganga: "Então, cê vê a tudo se há uma encantaria em forma de tá dizendo e encantando! E vamo pra guerra"[8].

A guerra iniciada há séculos no choque dos mundos permanece, persiste mesmo após tratados internacionais, independências das colônias africanas, constituições federais mais inclusivas e discursos sobre a tolerância mundo afora. Agora, na ótica dos moçambiqueiros do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, trata-se de uma batalha entre o cotidiano desencantado e o universo ritualizado. Ela se manifesta nas favelas, nos terreiros, nas aldeias, na luta pelo território quilombola, no enfrentamento ao racismo e nas resistências sutis que frequentemente se tornam a própria razão de existir. Dentro das Congadas, e particularmente em alguns Moçambiques, o corpo atua simultaneamente como arma e campo de batalha. Segundo o Ganga Mukixe José Reinaldo, líder do grupo, a luta atual é mais pacificada, voltada à promoção de políticas culturais e ao combate ao racismo, mas seu fundamento permanece: resistir é existir.

Nesse contexto, a manifestação do Moçambique funciona como promotor do encantamento, transformando corpos e espaços em lugares de presença ancestral. A cidade torna-se um vasto campo de batalha simbólico, onde Encanto e Desencanto se enfrentam (Silva, 2021). A energia ritual se manifesta nas gungas, nos cortejos, nas rezas e nos elementos protetivos dos Ternos. Como relata a Capitã Aline[9], mesmo o público exausto, presente no centro da cidade, é tocado por essa energia, demonstrando como o encantamento rompe com o mundo acelerado e adoecido.

---

7. Patente máxima do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, equivalente ao posto de General dos Ternos de Congo. Na língua Kikongo "ngânga" significa "Mestre".

8. Relato colhido durante conversa em 11 de maio de 2018.

9. Relato colhido durante conversa em 08 de maio de 2019.

A função do moçambiqueiro, na Congada, segundo o Ganga, é proteger a corte com seus cajados encantados, mesmo quando os membros da corte usam espadas de aço. O professor Antonio Carlos observa que

> as espadas dos Ternos de Congo [...] eram passadas de pais para filhos, permanecendo por gerações na mesma família, e que os Moçambiques, muitas vezes mais pobres, por não poderem desfilar com espadas, faziam uso dos cajados de madeira[10].

O cajado, entretanto, não se limita ao enredo das armas militares dos "mouros e cristãos"; sua narrativa é outra: ele é buscado nas matas, curado com rezas e feitiços, encantado com pemba e banhos, e coberto de adereços, símbolos e signos, representando o tempo e suas forças. Firmado no chão, dá sustentação à verticalidade do corpo, enraíza-se na terra; levantado, conecta-se ao plano superior, o saber ancestral.

Em termos de equivalência com o candomblé angola, o cajado do moçambiqueiro aproxima-se do Nkisi Lembá. Segundo o Ganga, a função do Moçambique é "apartar as desavenças", resolver contendas. Trata-se, em última instância, de organizar o tempo de forma simbólica. Em sua condição de "plebe", o Moçambique não carrega as coroas, mas as guarda, sinalizando que, embora os reinos passem, o tempo e a tradição permanecem. Nesse sentido, vale lembrar que o Nkisi Lembá manifesta-se de duas formas: o Novo, chamado Lema Dilê, e o Velho, conhecido como Lemba Nganga, que representa o Tempo Mestre, aquele que tudo resolve (Machado, 2015).

A posição do Moçambique como guardião das tradições é reforçada por orientações internas: "Moçambiqueiro não usa espada", "Nossa arma é o cajado e o feitiço", "o Moçambique é encantaria pura". Os moçambiqueiros são percebidos como guardiões de forças incompreensíveis, "com quem não se mexe", reorganizam relações de poder e mantêm o *continuum* africano vivo (Martins, 1997, p. 59). Nesse sentido, o cajado e o feitiço não apenas simbolizam proteção e poder espiritual, mas consolidam o papel do Moçambique como mediador das forças do universo e preservador da memória e das práticas ancestrais.

Ao mesmo tempo, os moçambiqueiros praticam uma subversão interna da ordem social dos negros: ao não poderem carregar a pompa e as coroas, tornam-se guardiões das tradições africanas, positivando sua condição e fortalecendo internamente a comunidade. Para Bastide (1985), as tensões nas Irmandades do Rosário e de São Benedito seguem padrões de "lutas étnicas", evidenciando rivalidades históricas

10. Informação oral, outubro de 2018. Antonio Carlos é pesquisador, professor, ativista e ex-presidente da Fundação Cultural de Uberaba.

entre nações africanas. Ele exemplifica casos na Bahia, como a Confraria do Senhor da Redenção, que reunia apenas negros daomeanos, mostrando que rivalidades herdadas do continente ou estimuladas pelos colonizadores moldaram o campo social. Inicialmente, as Congadas eram festas de bantos, com conflitos entre Nagôs e Daomeanos, posteriormente expandindo-se para disputas entre Congos, Angolas e Moçambiques (Bastide, 1985).

As tensões entre Ternos, as estratégias de feitiço e contrafeitiço, círculos protetivos e sacralização de elementos, escapam das narrativas que tentam imprimir a negatividade nessas práticas. Operam como artifícios de coesão interna, fortalecendo o grupo diante das forças externas e do universo desencantado. Os Quartéis, os Ternos que não firmam seu fundamento espiritual correm o risco de perecer. O sentido da guerra, nesse contexto, é simultaneamente de proteção e de criação: tensiona, estrutura e transforma a narrativa coletiva, fortalecendo a resistência cultural e a presença ancestral que sustentam a Congada. O feitiço e o contrafeitiço atuam como instrumentos de fortalecimento, permitindo que o grupo preserve seu poder simbólico e espiritual, garantindo que cada Terno permaneça coeso e preparado para enfrentar o mundo desencantado.

2 Resistência ancestral e a ideia de retorno

A noção de retorno pós-morte de figuras históricas é amplamente registrada na bibliografia e se manifesta de forma recorrente no imaginário dos povos da diáspora africana. Trata-se de uma concepção que ultrapassa a linearidade do tempo histórico e insere a ação política e simbólica dos líderes em um campo de continuidade, no qual a morte não representa um fim, mas uma transição para outra forma de presença. Nos Estados Unidos, Marcus Garvey expressou, pouco antes de falecer, seu compromisso de retornar espiritualmente com os milhões de negros que morreram nas Américas, nas Índias Ocidentais e na África, a fim de apoiar a luta pela liberdade e pela vida (Garvey, 2017). Essa promessa de retorno o inscreve em uma tradição político-espiritual que articula memória histórica, resistência e projeção de um futuro libertador.

No Haiti, a figura do sacerdote vodun François Mackandal permanece viva no imaginário popular (Silva; Serraria, 2019). Líder revolucionário, Mackandal teria iniciado a insurreição que desembocaria na Revolução Haitiana a partir de uma celebração vodun seguida do envenenamento de colonizadores. Capturado e condenado à morte, anunciou: "voltarei como mosquito". Em 1801, quando a febre amarela, transmitida por mosquitos originários do continente africano, matou cerca de 50 mil soldados franceses sem imunidade, a população negra associou a epidemia ao cumprimento da profecia de Mackandal (Cinco, 2020).

No Brasil, no século XVII, surge em Pernambuco o Quilombo do Cacutá, ou Quilombo dos Malunguinhos. Seu último rei, João Batista, morto em combate em 1835, retorna posteriormente como falange espiritual afro-ameríndia nas práticas da Jurema Sagrada, Toré, Catimbó e Umbanda, assumindo o papel de guia e protetor. Segundo Oliveira (2017), Malunguinho "congregou em si próprio" o tempo histórico da vida material e o tempo mítico-cosmogônico da divindade, sendo o único líder quilombola da história do Brasil a se tornar entidade cultuada por povos tradicionais, incorporando nos terreiros afro-indígenas (Oliveira, 2017).

Esses precedentes (Garvey, Mackandal e Malunguinho) revelam que o retorno não é apenas uma crença religiosa, mas um recurso político ancorado numa forma de ler o mundo, utilizando chaves que mantêm vivas as lutas e os valores de figuras históricas. Trata-se de uma forma de mobilizar o passado como força atuante no presente, em que a ancestralidade não se limita à evocação simbólica, mas intervém diretamente no mundo dos vivos. Nesse horizonte, a presença da entidade Zumbi no Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares inscreve-se como continuidade dessa tradição. Sua manifestação espiritual, especialmente através de José Reinaldo, incorpora gestos, posturas e movimentos que carregam significados ancestrais, transmitindo ordens, bênçãos e orientações. O corpo do moçambiqueiro torna-se palco, arquivo vivo e veículo de atualização histórica.

A ação dos Quilombeiros[11] no corpo dos praticantes expande a experiência cotidiana: sonhos, presságios, intuições e eventos concretos se entrelaçam em uma vivência simultaneamente sensível e política. Tais ações encontram eco na filosofia Banto-Congo: mesmo após a morte, o duo (*mwèla-ngîndu*) do corpo continua agindo na comunidade, transmitindo conhecimento, força e energia, consolidando o passado como fundamento da vida presente (Santos, 2019, p. 57). A ritualidade do Moçambique, combinando dança, música, gestos e canto, funciona como ponte entre o plano físico e o ancestral. Tambores, gungas, patangomes e os outros elementos espirituais são instrumentos de mediação, garantindo que as narrativas e os saberes do Quilombo de Palmares permaneçam ativos e respondam às demandas contemporâneas. Essa prática coletiva confirma que a história não está confinada a arquivos ou documentos: ela é vivida, sentida e recriada pelo corpo.

A centralidade do retorno histórico, assim, revela uma cosmopercepção (Oyęwùmí, 2002) que atravessa as temporalidades. Ao lado de Garvey, Mackandal e Malunguinho, a incorporação de Zumbi mostra que lideranças históricas podem reingressar no mundo dos vivos para orientar, proteger e criar novas formas de existência comunitá-

11. Entidades próprias do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares.

ria. Mais do que memória, esse retorno é ato criador, dispositivo de resistência e afirmação identitária, um modo de estar no mundo que recusa o esquecimento e reinventa o presente a partir da ancestralidade.

3 Os Quilombeiros e os processos de incorporação

Dentre os muitos elementos do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, os Quilombeiros podem ser elencados como um ponto de diferenciação de outros Ternos de Moçambique. Essas entidades podem ser descritas como falange espiritual que atua coletivamente, reunindo entidades com características, vibrações e objetivos comuns. Groisman (2015, p. 3) descreve as falanges como "coletivos de entidades espirituais que atuam e influenciam os seres encarnados". No contexto do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, essas entidades também são chamadas de Africanos ou Povo do Quilombo, demarcando o seu lugar enquanto membros da comunidade histórica de Palmares que resistiu por quase cem anos aos poderes coloniais no nordeste brasileiro.

Os Quilombeiros são uma demonstração da capacidade do Quilombo de Palmares de orientar formulações simbólicas e operar como um potente referencial afrocentrado, desencadeando narrativas vivas, mesmo distante no que toca às dimensões espaciais e temporais (Ratts, 2006). Essas entidades que compõem o calendário ritual do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares nos ciclos da Congada de Uberaba (MG), distinguem-se por sua energia positiva e se expressam por um dialeto próprio, muitas vezes incompreensível até mesmo para os membros mais antigos, como relata a Capitã Aline: "Tem muitos outros aí que gesticulam, mas não falam porque ninguém vai entender. O Zumbi é o único que consegue falar em africano e arrastar um pouco o português"[12].

O primeiro Quilombeiro a se manifestar, Muá, incorporou-se em Tia Regina, responsável por abrir o mundo terreno para Zumbi e os demais Quilombeiros, demarcando também um certo protagonismo feminino no interior desse grupo. Foi por meio de rituais no Centro de Umbanda Caboclo Sete Flechas, centro frequentado por alguns membros do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, que a entidade Muá solicitou que José Reinaldo tocasse os toques do Moçambique. Ao tocar, Muá dançou diferente de todas as entidades presentes, abrindo caminho para que os personagens do Quilombo de Palmares retornassem como entidades à terra. A música e a dança, então, atuam como elementos estruturantes da narrativa coletiva, mantendo viva a presença ancestral e transformando o corpo em veículo de comunicação com o mundo espiritual (Santos, 2019; Simões, 2017).

12. Relato colhido durante conversa em 08 de maio de 2019.

A incorporação dos Quilombeiros é um processo complexo. Cada moçambiqueiro pode receber mais de uma entidade, como o Ganga Mukixe José Reinaldo, que incorpora Zumbi, Calunga e Kafunganga, ou sua filha Dandara, que recebe Dandalunda e Yola. A manifestação tem por características os gestos energéticos, a combatividade e a noção de expansões corporais, conforme descrito pelos membros: "os ombros enlanguescem, os beiços crescem"[13], ou mesmo transformações de estatura: "O meu é um negão de uns dois metros de altura"[14]. Para além da presença física, algumas entidades se fazem perceber em sonhos ou intuições. É o caso de Madrinha Negrinha, que sempre sonha com Zumbi antes de acontecimentos significativos. Em estados de semilucidez, os integrantes intuem ou recebem orientações das entidades, como relatou Ganga Mukixe: "Ele vem e sopra no meu ouvido" (dep. 11 de maio de 2018).

A narrativa dos Quilombeiros se entrelaça intimamente com a história de Palmares, sendo reinterpretada a partir da vivência comunitária. O que pode ser observado quando os moçambiqueiros corrigem e criticam versões oficiais da história, como a releitura do Quilombo dos Palmares através do sítio arqueológico na Serra da Barriga. Entidades como Acotirene, fundadora do Quilombo espiritual do Terno junto com Muá, ou Gotá e Katuane, com suas histórias de combates e sabedorias, tornam-se mediadoras de experiências de pertencimento, transmissão de saberes e potência criativa. Esses relatos demonstram que a história oficial é apenas um ponto de partida para narrativas que se consolidam no ponto onde a ancestralidade e a corporeidade se encontram.

4 Corpo ritualizado: recriação, narrativas e incorporações

Ao pensar o Quilombo como lócus de uma potência criadora, Beatriz do Nascimento (2018) rompia com todas as amarras que restringiam essas organizações à ideia de reação ao sistema escravocrata. Quilombo, nessa égide, é ação e, sobretudo, criação, inventividade: capacidade de empreender uma cultura a nível simbólico (Ratts, 2006). Não se trata da relíquia do passado. Nessa perspectiva, Quilombo opera como ponto de entrecruzamento das diferentes interpretações das Áfricas presentes no Brasil (Souza, 2018). Lugar de fruição onde a tradição se reinventa, o Quilombo se constitui como espaço de criação contínua. A noção de transmigração cultural de elementos civilizatórios é mais complexa que mera transferência cultural: trata-se de um dispositivo de formulação, criação de novos elementos e recriação de antigos, garantindo a continuidade e a vitalidade cultural (Ratts, 2006). Nesse sentido, a tradição não se preserva passivamente; ela se adapta, se transforma e se projeta no presente, articulando memória, inovação e resistência.

13. Relato colhido durante conversa com capitão Vinicius Folador em 15 de maio de 2021.

14. Relato colhido durante conversa com capitão Bil em 12 de maio de 2021.

Essa lógica de reinvenção pode ser observada nas gungas, instrumentos musicais característicos dos moçambiques que se apresentam no formato de polainas de guizos presas aos tornozelos. Embora existam instrumentos semelhantes na África Austral, incluindo na região que hoje corresponde a Moçambique (Marangoni, 2017, p. 01), reterritorializadas no contexto brasileiro, as gungas ganham novas formas, funções e significados (Deleuze; Guattari, 2011). Segundo o Ganga Mukixe (2018), "as gungas são instrumentos com fundamentação espiritual que, ao serem chacoalhadas, repelem as energias negativas que se apresentam em forma de um som choco"[15]. Assim, os instrumentos não apenas reproduzem ritmos, mas atuam como mediadores entre o visível e o invisível, integrando dimensão estética, simbólica e espiritual, e fortalecendo a potência criadora da tradição moçambiqueira.

A hierarquia e a função ritual dessas criações se expressam também nos bastões ou cajados, feitos de madeira e decorados com búzios. Estes são utilizados pelos Gangas, Igans e pelos mais velhos do grupo, servindo tanto para abençoar quanto para amaldiçoar. Além disso, esses instrumentos podem assumir formas simbólicas no imaginário, como cobras ou plantas, refletindo a capacidade de transformação e adaptação dos elementos do Terno. Para tanto, são curados e benzidos dentro dos quartéis antes do cortejo. No retorno, esses e outros elementos são descarregados por meio de um ritual próprio que retira dos mesmos as energias negativas acumuladas durante o cortejo (batalha).

Objetos de pequeno valor material, como cabaças e peneiras trançadas, tornam-se apêndices ancestrais quando investidos de energia vital e encantamentos. A Cabaça da Coti e as Peneiras levadas pelas Portas de Senzala exemplificam essa potencialidade: a primeira é o elemento de proteção mais forte do Terno. Sua força colide com as energias negativas do caminho, quebrando-as e dispersando-as, jogando tais energias dentro das peneiras. As peneiras funcionam como filtros, deixando que o Terno absorva apenas energias positivas. Madrinha Virina[16] acrescenta que, a depender da intensidade da energia que o Terno encontra na rua, a cabaça racha, reforçando a ideia de que esses objetos são veículos de forças vivas e dinâmicas.

O ritual de preparação para o cortejo, que antecede a saída do Terno, é fundamental para consolidar essa integração entre corpo, elementos e espiritualidade. O corpo é benzido, banhado com ervas, cruzado com pemba, untado com azeite, investido com patuás e elementos protetivos. A corporeidade do moçambiqueiro se integra profundamente a esses elementos, tornando o corpo uma extensão dos objetos e vice-versa. Nesse contexto, o Ganga Mukixe[17] firma: "cada coisa tem um sentido de proteção e

15. Relato colhido durante conversa em 11 de maio de 2018.

16. Relato colhido durante conversa em 12 de maio de 2021.

17 Relato colhido durante conversa em 08 de maio de 2019.

de hierarquia, cada um tem seu ponto de segurança... A guia que leva a gente, ela tem beleza? Sim, mas naquele suporte lá, que levando ela, tem sua encantaria"[18]. Assim, o cuidado com o corpo do moçambiqueiro é simultaneamente cuidado com a cultura, evidenciando que o "cuidar de si" e o "cuidar da tradição" caminham juntos.

A experiência corporal se intensifica na dança, momento em que o corpo se expande e incorpora os elementos como extensões de si. A dança é energética, telúrica e impregnada de ancestralidade, com os pés descalços imprimindo a simplicidade ritual e a conexão com a terra, os moçambiqueiros demarcam seu lugar. Martins (1997, p. 37) ao tratar do Reinado do Jatobá aponta:

> Essa energia cósmica esculpe um saber que se expressa na fala, na dança, no vestuário, em objetos, como os bastões, as caixas, os tambores, os adereços, cumprindo uma função ritual que não elide as linguagens das cores, dos sons e dos gestos, mas sim, sinestesicamente, as conjuga na elaboração de uma fala plural que reveste o tempo presente com os adereços simbólicos ancestrais, carregando "dentro de si uma tradição de ancestralidade, que a cria e diviniza".

O corpo encantado assim adquire múltiplos atributos no modo de se portar, andar, dançar, falar e cantar, expandindo-se para além de sua materialidade. A incorporação das entidades pode ocorrer de forma completa, quando a presença espiritual toma o corpo do moçambiqueiro, ou em semilucidez, chamada de empareamento, quando a entidade acompanha o integrante de maneira paralela, orientando gestos e decisões.

A preparação para sair do Quartel é o ponto de maior êxtase: a entrega dos elementos do grupo para cada membro, com função específica, é repleta de um gestual cuidadoso, imbuído de silêncios por parte dos Quilombeiros. Enquanto as mulheres, formando um semicírculo próximas ao altar, entoam cânticos repetidas vezes, objetivando despertar o Quilombeiro Zumbi, patrono do grupo. Em terra, essa entidade é responsável por entregar cada um dos elementos do Terno. Forma-se na saída da casa um corredor de moçambiqueiros com seus instrumentos: patangomes, gungas e caixas. O toque embala os cânticos de forma orgânica, não ensaiada. Não há roteiro rígido no ritual de entrega dos elementos, mas é possível observar uma conjunção energética que busca cumprir uma mesma função.

Quando todos os capitães estão munidos de seus cajados, estes são erguidos simultaneamente, convergindo para a mesma direção, como se a junção de suas pontas formasse um núcleo irradiando força, e as hastes prolongadas se tornassem os raios de um mesmo sol. O gesto simboliza união e potência coletiva, anunciando que o grupo está pronto para descer à rua e adentrar o cortejo, unindo-se aos demais Ternos. Nesse

18. Relato colhido durante conversa em 08 de maio de 2019.

percurso, o corpo se manifesta em dança e movimento, impregnado pela energia cultivada em todo processo de preparação, convivência, ensaios, rituais, confecção dos elementos. Impregnados pela cadência da música, pelos encantamentos e pela ancestralidade compartilhada. É nesse espaço-tempo que o corpo se expande, se potencializa e se inscreve como arquivo vivo, narrando, nas ruas, a cada passo, a história, a força e a tradição. O cortejo, assim, se torna a síntese e a consagração dessa dinâmica.

Conclusão

O estudo evidencia que o Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares de Uberaba (MG) funciona como um espaço de produção de conhecimento, memória e resistência, onde narrativa histórica, corporeidade e ancestralidade se entrelaçam. Apesar das tentativas coloniais de homogeneizar identidades africanas e do epistemicídio sofrido pelos grupos afrodescendentes, os participantes do Terno reinventam tradições, ressignificando passagens históricas e mitos fundadores, consolidando práticas culturais e espirituais que atravessam gerações. A história não é apenas lembrada, mas incorporada ao corpo e às práticas rituais, transformando-se em energia viva que orienta relações comunitárias, fortalece pertencimentos e projeta futuros. Ao abordar as Congadas como instâncias criativas e políticas, buscamos contribuir para a superação das leituras folclorizantes, valorizando saberes afro-brasileiros situados e transmitidos oral, corporal e espiritualmente, reforçando a importância de reconhecer e respeitar essas práticas como elementos centrais da memória cultural e de uma forma particular de ler o mundo.

Referências

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1985.

CINCO epidemias que ajudaram a mudar o rumo da história. **BBC News Brasil**, [*s.l.*], 22 mar. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-51961141. Acesso em: 26 jun. 2021.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

ELLIS, Carolyn.; ADAMS, Tony. E.; BOCHNER, Arthur. P. Autoethnography: an overview. **Historical Social Research**, v. 36, n. 4, p. 273-290, 2011. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/36323. Acesso em: 14 ago. 2025.

GARVEY, Marcus Mosiah. **Procure por mim na tempestade: de pé raça poderosa**. Trad. Kwame Asafo N. Atunda, Ali Kemet, Lu Isha e Afrocentricidade Internacional Bahia; Org. Douglas J. G. Araújo e Kwame A. N. Atunda. São Paulo: CFMG, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/121802375/Marcus_Mosiah_Garvey_Procure_por_Mim_na_Tempestade. Acesso em: 14 ago. 2025.

G1. Padre diz nas redes sociais que celebração do Congado é profanação em Uberaba. **G1 Triângulo Mineiro**, 26 maio 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2024/05/26/padre-diz-nas-redes-sociais-que-celebracao-do-congado-e-profanacao-em-uberaba.ghtml. Acesso em: 24 set. 2025.

GROISMAN, Alberto. **Docilidade, (auto)domesticação e espiritualidade ad hoc entre participantes das religiões do daime**. [*S.l.: s.n.*], 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303253892_Docilidade_autodomesticacao_e_espiritualidade_ad_hoc_entre_participantes_das_religioes_do_daime. Acesso em: 14 ago. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas é registrado como Patrimônio Cultural do Brasil. **IPHAN**, Brasília, 17 jun. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/saberes-do-rosario-reinados-congados-e-congadas-e-registrado-como-patrimonio-cultural-do-brasil-1. Acesso em: 24 set. 2025.

MACHADO, Veridiana Silva. **O cajado de Lemba: o tempo no candomblé de nação Angola**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-11052016-110936/. Acesso em: 14 ago. 2025.

MARANGONI, Nathalia. A extraordinária dança típica do povo San de Kalahari. **RhinoAfrica.com**, [*s.l.*], 01 dez. 2017. Disponível em: https://blog.rhinoafrica.com/pt/2017/12/01/povo-san-de-botsuana. Acesso em: 19 out. 2020.

MARTINS, Leda. Martins. **Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, ago./dez. 2008. Disponível em: www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Petrópolis: Vezes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. **Revista de Cultura Vozes**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 41-45, set. 1974.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de Quilombo e resistência cultural negra. **Afrodiáspora,** Rio de Janeiro, ano 3, n. 6, p. 41-49, jan./dez. 1985.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição**. São Paulo: Filhos da África, 2018. (Coleção Diáspora Africana).

OLIVEIRA, Alexandre Alberto Santos (L'Omi L'Odò). **Juremologia: uma busca etnográfica para sistematização de princípios da cosmovisão da Jurema Sagrada**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 276 p. 2017.

OLIVEIRA, R. S. de *et al.* (Org.). **Através das águas: os Bantu na formação do Brasil**. São Paulo: Hucitec; Porto Alegre: Hucitec, 2023. (Coleção Viramundo; Diálogos da diáspora, v. 19).

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. Visualizing the body: western theories and African subjects. *In*: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P. J. (Ed.). **The African philosophy reader**. New York: Routledge, 2002. p. 391-415. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oyèrónkẹ́_oyèwùmí__visualizando_o_corpo.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de Beatriz do Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SILVA, Lilia Ramos da.; SERRARIA, Richard. As narrativas do tambor como práticas decoloniais. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 279-297, jul. 2019.

SILVA, Maycol Douglas Lima da. **"Minha casa é um quilombo" e o terno de Moçambique é o meu batalhão**. Dissertação (Mestrado em Culturas Populares) – Universidade Federal de Sergipe, [*S.l.*], 2021. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/20658. Acesso em: 18 ago. 2025.

SILVA, Maycol Douglas Lima da; AZEVEDO, Denio Santos. Moçambique Zumbi dos Palmares: autodeterminação e empreendimento afrodiaspórico. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, [*S.l.*], v. 7, n. 14, p. 66-84, 2024. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/nhipe/article/view/22586. Acesso em: 18 ago. 2025.

SIMÕES, Mariana Emiliano. Corpo-tambor: corporalidade negra no reinado mineiro. **Rebento**, São Paulo, n. 6, p. 179-202, maio 2017. Disponível em: http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/137. Acesso em: 16 set. 2020.

SOUZA, Tatiane Pereira de. **Permanências africanas no congado brasileiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, São Paulo, 2018.